

# ROBERTO FREIRE

## Um libertário

O terapeuta e escritor Roberto Freire, criador da somaterapia e autor dos livros *Sem Tensão Não Há Solução* e *Ame e Dê Vexame*, coordenou maratonas de soma, semana passada, em Belo Horizonte (no Cine Belas Artes-Liberdade) e Ouro Preto, com o objetivo de implantar novos grupos de terapia. Freire, que mora em Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo, não mais coordena os grupos, apenas faz sua instalação e supervisiona o trabalho. Em Belo Horizonte, por exemplo, os trabalhos serão conduzidos por dois jovens — Rui Takeguma e João da Mata. O escritor também lançou dois livros em BH — *Histórias Curtas e Grossas — Volume II* e *A Farsa Ecológica*. Em entrevista à repórter Maria Cláudia Barreto, ele falou sobre a origem das neuroses, a importância de as pessoas manterem sua originalidade — a despeito de tudo e de todos —, sexo e educação dos filhos.

P — Chama a atenção o fato de seus assistentes, que coordenam os grupos de somaterapia, serem muito jovens. O Rui tem 23 anos, não é?

É, os meus assistentes são todos muito jovens. O João tem 24. O mais velho é uma assistente minha de Florianópolis, que tem 40. Mas é preciso ter espírito de 25, porque a técnica, ao contrário de outras técnicas terapêuticas, não é um trabalho de erudição, não é um trabalho de modificação da personalidade. As outras teorias terapêuticas mexem na estrutura da personalidade para melhorar a vida das pessoas. Para mim, isso é impossível, muito perigoso e desnecessário. Eu acho que a gente tem de ajudar a pessoa a se livrar daquilo que a está impedindo de desabrochar. Acho que a pessoa que está neurótica não tem uma alteração da personalidade, ela tem bloqueios ao desenvolvimento da sua personalidade. Então, uma pessoa jovem que conheça as técnicas tem a mesmíssima competência que eu, que tenho 40 anos de experiência. Eles são médicos, engenheiros, atores...

P — Em que a somaterapia é diferente da terapia tradicional?

Eu fui psicanalista. Conheci todas as técnicas terapêuticas e vi que o índice de cura, a recuperação da neurose, eram muito baixos. O pessoal levava seis, 10 anos fazendo análise. Foi quando eu comecei a ver que a neurose era uma coisa muito mais simples do que parece. Não é problema de doença, é um problema de incompetência para viver. Cada pessoa nasce para ser um ser original e único. Num sociedade autoritária, onde existe a *média*, há uma tentativa de massificar as pessoas, de fazer com que elas sejam iguais, parecidas. A originalidade é uma coisa que não é muito tolerada. Com isso, impede-se a pessoa de ser ela mesma, de ter a sua originalidade, e ela começa a sofrer. Para mim, a neurose é o sofrimento de as pessoas não poderem ser o que elas são de fato. A neurose é um problema sócio-político, e não uma doença. Então, a soma ajuda as pessoas a voltarem a assumir o que elas são e passarem a enfrentar as repressões so-

ciais. Quando elas começam a ser o que são, desaparecem todos os sintomas.

P — É como se a neurose viesse de fora para dentro?

De fora para dentro. O Wilhelm Reich provou isso na década de 30, contestando Freud, que achava que a neurose vinha de dentro para fora. Inclusive, ele provou também que a neurose não fica na cabeça. Ela se instala no corpo todo da pessoa, nos músculos. Eu posso compreender de onde vem minha neurose, mas não consigo me livrar dela porque ela gera em mim uma tensão corporal enorme. O neurótico é uma pessoa absolutamente tensa, então a gente tem de desfazer essas tensões corporais através de massagens, movimento, dança. O homem faz dança, espontaneamente como terapia, desde que ele existe. Nós descobrimos que, de todos os nossos exercícios, o melhor é a capoeira, tanto que é necessário fazer capoeira durante a soma. E, quando termina a soma, as pessoas continuam fazendo capoeira e, com isso, aliviando as tensões sem estar fazendo terapia. Nós pesquisamos e descobrimos que as lutas orientais e ocidentais tinham um efeito tremendo sobre o que Reich chama de *courça neuromuscular*, onde ficam as tensões. Descobrimos que o tai-chi, o kung-fu, o judô, essas lutas têm um poder enorme de liberação energética. Então, escolhemos a capoeira, que é uma luta brasileira, nos dá muita força, muita energia e, além disso, das várias lutas pesquisadas é a que se aprende mais rápido.

P — O senhor está lançando um livro com contos eróticos, o *"Histórias Curtas e Grossas — Volume II"*, e a respeito deste trabalho o senhor fala que "o erotismo, quando vivenciado, é saudável; quando fica somente no pensamento, nas fantasias, se torna doentio, patológico, pornografia". Qual seria a importância das fantasias para as pessoas?

Eu acho que as fantasias sexuais são tão importantes quanto as próprias experiências sexuais. Só que elas não podem substituir. Quando a pessoa vive da fantasia e não tem experiência nenhuma, ela vive da representação da coisa, portanto, não é a coisa. As fantasias são representações das coisas que a gente pode viver sexualmente. A experiência sexual, afetiva, erótica, é muito saudável. Mas, quando se fica só na fantasia, ela excita e não realiza. E se realiza sem nenhum contato com a realidade; se você consegue um orgasmo fantasioso numa masturbação, tudo bem, mas não é uma experiência em si completa. Se houver outras experiências sexuais e a masturbação, não há problema nenhum. Mas, se a masturbação estiver substituindo as relações sexuais, é problema, porque ela é incompleta. É uma forma, não são todas as formas. Então, eu resolvi fazer esse livro para trabalhar sobre todas as possibilidades do erotismo e ver até que ponto nós podemos ficar dentro do erotismo puro, da arte, da poesia, sem cair na pornografia. E o nosso grande esforço na soma é fazer com que as pessoas consigam não permitir que o erotismo, o prazer corporal, fique restrito exclusivamente às relações sexuais.

P — Seria o que o senhor chama de "erotização do cotidiano"?

Sim, eu acho que nós devemos pegar essa energia libidinoso, que é enorme, e usá-la no cotidiano. Por exemplo, se eu vou ao mar, eu posso simplesmente sentir a água, mas eu também posso sentir o prazer do contato com a água. Eu posso dar ao meu amigo um prazer enorme de sentir a presença dele, a presença física dele, sem precisar fazer sexo com ele, mas que exista uma coisa gostosa na nossa relação. É importante a gente usar um pouco de erotismo na relação com os filhos, poder tocar nossos filhos, sentir a presença física deles. Eu tenho três filhos homens e sei o cheiro deles. Eles entram em casa e eu sei quem entrou. Então, o prazer de comer, de beber, de dançar, tem que ter um certo grau de sensualidade para ficar ainda mais gostoso. A maioria das pessoas foge disso, tem uma vontade enorme de fazer, mas morre de medo. A educação que nós recebemos é para cortar tudo isso. A sociedade não permite que a gente sinta carinho sensual pelas pessoas, pela mãe, pelo irmão, pelos amigos. Isso torna a vida muito seca, muito triste, e faz com que a gente comece a cobrar demais dos nossos amantes. Seu amante tem que ser sua mãe, seu pai, seu irmão, seu amigo, além de ser seu amante.

P — Hoje, uma coisa que tem sido muito falada é a dificuldade de relacionamento entre homem e mulher. A gente vê muitas mulheres sozinhas, se queixando de que os homens "sumiram". Por que isso?

Esta pergunta me é feita muito freqüentemente e eu acho que está acontecendo isso mesmo. Mas a coisa só pode ser entendida se for vista por outro ângulo. Estamos saindo de um patriarcado muito violento, em que a mulher era totalmente dominada pelo homem. Desde a década de 60, sobretudo, há a concepção da mulher independente, produtiva e que não seja submissa. Então, para não ser submissa, acabou-se com o casamento. As relações entre homem e mulher teriam de mudar fatalmente. Como é que se faz a relação entre duas pessoas independentes? E os homens não estão querendo aceitar a mulher independente. A mulher quer um homem que estabeleça com ela um relacionamento que não existiu ainda, que vai ter de ser inventado. Então, tem-se de abolir muitas coisas, como a mulher não poder ter relações sexuais. Ela tem de ter relações sexuais o mais cedo possível para viver sua fisiologia independente de qualquer coisa. Depois, ela tem de ter uma profissão, para não depender do homem. Já o homem também teria que gostar de ter filhos, de tomar conta de criança, de cozinhar, limpar a casa, tarefas que ele acha que são femininas. Então, está havendo um processo de adaptação, desconfiança e dificuldades. Alguns casais estão descobrindo isso, outros ainda não. Por exemplo, se são independentes, por que cada um não vai morar na sua casa? Se tiverem uma criança, os dois criam juntos, mas quando a criança crescer não precisa mais de eles ficarem juntos. É muito importante, sendo independentes, que haja amor livre. Por que esse compromisso? Há pessoas que precisam de outros relacionamentos, outras não precisam. Eu, por exemplo, não posso. Se eu estiver gostando de uma pessoa, é aquela pessoa. Vejo as outras mas não tenho interesse. Todo mundo deveria ter o direito de fazer como bem entender. Não haver normas. Outra concepção burguesa clássica é achar que o amor é para sempre. Por que o amor não pode começar, durar e acabar no tempo em que se quiser?

P — Os pais hoje estão muito confusos quanto à educação dos filhos. O que o senhor recomenda?

Nós, anarquistas, desenvolvemos uma pedagogia libertária. Eu eduquei meus filhos dentro desta pedagogia. A experiência foi incrível, houve choques, houve problemas, mas eu acho que eles são pessoas bem livres e bem autônomas. O principal é admitir que a criança sabe tudo. Ela tem dentro dela o potencial de saber tudo. Então, a gente não deve ensinar nada que ela não esteja nos perguntando. Se ela faz alguma coisa errada, ela percebe, você não precisa recriminar. Se ela pega uma faca, você fica com medo de que ela se corte e explica para ela que aquilo corta. Passa numa coisa e mostra que corta, que ela pode se machucar. Mas a vida, viver, não se deve ensinar às crianças. Elas aprendem sozinhas. E mais: elas aprendem muito mais entre as crianças do que com a gente. A criança aprende com o que ela vê e observa no adulto, não no que o adulto fala. Falar o menos possível, e viver da forma correta o mais possível para ela ver como é que se vive da forma correta. Em vez de fazer discurso para a criança, viva de um jeito legal, que ela olhe para você e aprenda. E sexo, eu acho um absurdo ensinar sexo para as crianças. Acho as aulas de educação sexual um crime. Primeiro, porque a criança só vai aprender quando ela tiver desejo sexual. Enquanto isto não acontecer, ela vai achar aquilo uma chatura, uma aula de matemática. Agora, se ela tiver curiosidade, aí você tem de responder tudo, claramente. Mas sempre colocando o prazer, a alegria e a beleza o tempo todo, para ela perceber que o sexo é uma coisa muito bonita. Estas três coisas devem estar o tempo todo na pedagogia.

